

SIMONE WEIL: FILOSOFIA E MÍSTICA
“SE DESCEMOS EM NÓS MESMOS, DESCOBRIMOS QUE
POSSUÍMOS EXATAMENTE O QUE DESEJAMOS.”

Luiz Carlos Sureki SJ

Simone Weil (= S.W.)¹, de origem judia, nasceu em Paris no dia 03 de fevereiro de 1909 e faleceu em 24 de agosto de 1943. Seu pai foi um médico renomado e seu irmão mais velho, André Weil, brilhante matemático. Seu estado de saúde foi sempre muito frágil. Era acometida freqüentemente por terríveis dores de cabeça e sofria de problemas respiratórios crônicos. S.W. assistiu ao fracasso do socialismo implantado na Rússia com Lênin e mantido por Stalin e experimentou na própria pele os horrores e atrocidades da guerra.

Sua vida caracterizou-se pela profunda relação que soube manter entre pensamento filosófico e práxis social. Tinha profunda convicção de que não poderia haver separação entre as preocupações sociais e as reflexões filosóficas e religiosas. Dotada de uma rara e pura intensidade de espírito e uma sólida combinação de compromisso pessoal e inteligência extraordinária e clara, S.W. falou abertamente aos que buscavam justiça nas realidades humanas e aos que buscavam luz nas do espírito. Estudou filosofia e literatura clássica. Com 22 anos, iniciava sua curta e conturbada carreira como professora. Questões políticas internas e de metodologia docente nem sempre combinavam com seu espírito irrequieto e crítico. Isso lhe trouxe não poucos problemas com os superiores das escolas (liceus) em que trabalhava. Com isso, freqüentemente era transferida de instituição.

¹ A propósito de uma sucinta biografia de Simone Weil e introdução ao seu pensamento ver: S. WEIL, *Escritos Esenciales*, Introdução e edição de Eric O. Springsted, Santander: Sal Terrae, 2000, pp. 15-40. (Col. El Pozo de Siquem, 109).

S.W. tinha especial apreço pela filosofia de Platão e pelas tragédias gregas, entre as quais gostava sobremaneira da “Antígona” e da “Ilíada”, que expressavam de maneira ímpar, na sua opinião, a situação do ser humano que vive sob o império da força, da necessidade².

De Platão, S.W. herdou a concepção de que o sumo Bem jamais poderia ser realizado, concretizado historicamente, pois sua “natureza” é totalmente transcendente, de modo que não pode estar sob a força cega da necessidade que rege nosso mundo e as relações sociais. Tal maneira de pensar lhe permitiu traçar duras críticas à filosofia de Karl Marx que, segundo ela, colocou a matéria como fonte do bem por não admitir o elemento transcendente e, com isso, deixou o homem à mercê da determinação das forças produtivas. O materialismo dialético defendido por Marx jamais poderia responder, segundo S.W., às inquietações do homem, pois o próprio ser do homem é busca constante de um bem ignorado. Mesmo que a classe operária chegasse ao poder, não poderia abdicar desse mesmo poder, do uso da força, para sustentar-se na sua nova posição, ou seja, cairia no mesmo mal contra o qual estavam lutando³. Mesmo que o socialismo se implantasse em um determinado país, este teria que oprimir os seus para concorrer como os outros países, tal como acontecia com a Rússia de então, assunto este que ela teve oportunidade de discutir num encontro que teve com Léon Trotsky, em 1932.

Cristianismo como religião dos oprimidos e experiências místicas

S.W. se apropria de Platão para mostrar a dinâmica fundamental da ação silenciosa da graça. Em Platão, a necessidade e o bem⁴ estão separados por uma distância infinita, que, contudo, nos leva a admiti-los numa união transcendental que se nos apresenta como mistério, que foge aos limites da razão e só indiretamente pode ser pensada, embora nunca plenamente compreendida. Na verdade, S.W. entende a filosofia grega (mais do que o próprio judaísmo) como verdadeiro prelúdio do cristianismo. De acordo com S.W., é praticamente impossível estabelecer uma relação clara de continuidade entre o Antigo e o Novo Testamento. Enquanto o Deus do

² Ver: S. WEIL, “A necessidade e a obediência”, in ID., *A Gravidade e a Graça*, São Paulo: Martins Fontes, 1993, pp. 47-54. (Col. Tópicos).

³ Acerca da crítica ao marxismo ver: S. WEIL, *A Condição Operária e outros estudos sobre Opressão*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980; e ainda: S. WEIL, “Exame crítico das idéias de Revolução e de Progresso”, in ID., *Opressão e Liberdade*, Bauru: EDUSC, 2001, pp. 167-174.

⁴ Sobre a relação necessidade e bem ver: S. WEIL, *Escritos Esenciales*, pp. 89-92, e ainda: S. WEIL, *A Gravidade e a Graça*, pp. 113-115.

primeiro testamento aparece como aquele que governa o mundo com poder e força (figura do rei, do senhor [adonai], do juiz, do chefe dos exércitos, do guerreiro invencível), o do segundo revela-se na fraqueza, na fragilidade. A figura que agora predomina é a do oprimido, do servo, do crucificado. Excetuando o livro de Jó e os textos referentes ao servo sofredor de Isaías, não se encontram, segundo S.W., maiores relações de proximidade entre os dois testamentos.

Nesse sentido, o cristianismo é por excelência a religião dos submetidos à força, dos oprimidos, dos escravos, dos que encontram a Deus pela experiência da sua ausência, pela “desgraça”⁵, ou seja, pela total submissão à necessidade cega que rege o mundo e que aniquila o ser humano que aí se encontra impotente. S.W. se refere à difícil experiência de perceber a presença da graça na desgraça, no doloroso processo de esvaziamento de si. Costumava afirmar que o momento máximo do cristianismo é a ausência de Deus no Cristo abandonado à desgraça, submetido à força, esmagado por ela. Com isso, S.W. ressalta que a experiência dessa força cega que nos aniquila (desgraça), que nos despoja totalmente de nós mesmos, é a mesma que nos revela a beleza quando percebida como total obediência a Deus, obediência esta que encontra sua personificação no Cristo crucificado: abandonado por todos, Jesus se abandona em Deus, porque está totalmente esvaziado de si e, por isso, é total obediência a Deus.

Essa profunda convicção do cristianismo como a religião dos escravos lhe advém especialmente de uma das três experiências de caráter místico que a aproximou consideravelmente do cristianismo. Conta ela, muito resumidamente, que quando seus pais, atendendo à sugestão de alguns médicos, a levaram para Portugal no intuito de que se recuperasse de seus crônicos problemas respiratórios em presença de “novos ares”, ficou só, uma noite, em um pequeno e miserável povoado de pescadores e presenciou uma procissão em honra ao santo padroeiro. As mulheres caminhavam em procissão junto às barcas, portavam círios e entoavam cânticos que pareciam muito antigos e de uma tristeza aterradora. Ali percebeu muito intensamente que os escravos não podiam deixar de aderir ao cristianismo⁶.

A segunda experiência mística de sua vida aconteceu em 1937, quando visitando uma igreja em Assis, “algo mais forte que eu me obrigou, pela primeira vez na minha vida, a pôr-me de joelhos”⁷.

A terceira e mais profunda delas se deu em 1938 quando S.W. e sua mãe assistiram às celebrações da Semana Santa em Solesmes, um mosteiro

⁵ “Desgraça” é um conceito-chave no pensamento de Simone Weil. Normalmente está relacionado à força cega que a necessidade exerce sobre nós e o mundo. Acerca do amor a Deus e a desgraça, ver: S. WEIL, *Escritos Essenciais*, pp. 53-89.

⁶ Cf. *ibid.*, p. 25.

⁷ *Ibid.*

conhecido pelo cultivo do canto gregoriano. Ali Simone ocasionalmente leu e memorizou um dos poemas de Georg Herbert, denominado "Love", e costumava recitá-lo nos momentos em que sua cabeça doía muito. Foi durante uma dessas recitações que "Cristo mesmo desceu e me tomou"⁸. A partir daquele momento começou a produzir, junto com suas obras sociais e políticas, um vasto corpo de escritos espirituais e filosóficos cujo acento cristão é explícito.

Desgraça, atenção e beleza

S.W. costumava dizer que o pensamento tende a fugir da desgraça como um animal da morte. Para pensar a desgraça é necessário portá-la na carne como um prego, e portá-la por longo tempo a fim de que o pensamento tenha tempo de fortificar-se suficientemente para poder contemplá-la. A possibilidade da desgraça, explica ela, é uma constante em nossa vida, pois nossa carne é fraca (sujeita a ser trespassada, dilacerada, esmagada); nossa alma é vulnerável (propensa a depressões, variações de humor, caprichos circunstanciais); nossa "personalidade social", da qual depende o sentimento de nossa existência, acha-se constante e completamente exposta a todas as casualidades. Essa fragilidade fundamental que nos constitui, sempre exige de nós um grande esforço para pensá-la.

Por isso, é importante para compreendermos o pensamento de S.W. a categoria de "atenção"⁹. Atenção aqui significa entrar em contato com a realidade tal como ela é, sem fantasiá-la. Nesse sentido, atenção é a capacidade de ler na necessidade a sua obediência a Deus e, nesta, a beleza. O amor a Deus e ao próximo é impossível sem a atenção, pois há algo em nossa alma que repugna a desgraça. Deste modo, a capacidade de prestar atenção a um desgraçado é algo raro, quase um milagre, e essa é a grandeza do cristianismo. Só se aproxima verdadeiramente de um desgraçado (como o homem da parábola do bom samaritano) alguém de olhar atento, cuja alma se esvazia de todo seu conteúdo próprio para receber em si mesma o ser a que ela agora olha, tal como é, em toda sua verdade. A atenção orientada para Deus e o próximo é, pois, a essência da oração. E tal atenção ao desgraçado só é efetivamente possível através do Cristo, vale dizer, da experiência do Cristo.

A desgraça e a beleza (necessidade e bem) põem por terra a nossa ilusão de sermos o centro do mundo. A desgraça nos faz passar da mera apreensão

⁸ S. WEIL, *A la espera de Dios*, Madrid: Trotta, 1993, p. 42.

⁹ Sobre a importante noção de "atenção", ver: S. WEIL, *A Gravidade e a Graça*, pp. 127-133.

são sensorial do mundo à constatação da necessidade que o rege. E a beleza, por sua vez, nada mais é do que a compreensão de que a necessidade que rege o mundo como um todo é a própria docilidade e a passividade da matéria diante de Deus. Toda a beleza de uma flor se percebe a partir de sua completa fragilidade, porque não tem a duração no tempo que gostaríamos que tivesse, ou seja, ela está completamente submetida à necessidade e, como tal, é totalmente obediente a Deus.

A opressão do trabalho na fábrica e a guerra

Em 1934 e 1935, S.W. decidiu adotar em toda sua dureza a condição de operária, trabalhando em diferentes fábricas, dentre elas a da Renault. Graças a essas experiências conheceu a fome, a fadiga extrema das longas horas de trabalho, a opressão do trabalho cadencial (atos repetidos mecanicamente o tempo todo que não respeitam o ritmo natural do ser humano: diferença entre ritmo e cadência) descrita por ela como verdadeira escravidão por impedir o livre exercício do pensar. Através de seu sofrimento sintonizou a dor de uma classe operária oprimida ao extremo.

Em 1936 se uniu aos anarquistas espanhóis durante a guerra civil na Espanha, trabalhando em Marselha como operária agrícola. Durante a 2ª Guerra Mundial, apresentou a proposta a um comandante da resistência francesa de lançar-se de pára-quedas com outras voluntárias em pleno campo de batalha para prestar auxílio médico tanto aos franceses quanto aos próprios alemães feridos. Entendia que não se podia rebater a força pelo uso da força e, deste modo, pensava que a total fragilidade desse pequeno grupo de mulheres lançadas em meio aos soldados seria uma grandiosa expressão de amor, porque desinteressada, totalmente vulnerável, revestida de fraqueza. S.W. cria que somente a total vulnerabilidade do outro diante de mim é capaz de despertar-me a compaixão. Não havendo mais resistência não há força. Diante da fraqueza total do outro minha força também desaparece. Evidentemente tal proposta foi negada e taxada simplesmente de “loucura”.

Em 1942, S.W. visita os pais e o irmão que, com outras famílias judias, haviam fugido da França para os Estados Unidos durante a guerra. Contudo, sente que essa vida é demasiado confortável em tempos tão tempestuosos na Europa. Parte então para a Inglaterra para incorporar-se definitivamente à resistência francesa. Seu incompreendido desejo de compartilhar das condições de vida pela qual passavam seus compatriotas na França ocupada pela Alemanha nazista, fazia com que se alimentasse muito mal, o que agravava ainda mais seu precário estado de saúde.

O caráter filosófico-místico da vida de Simone Weil

É certo que embora simpatizasse muito com o cristianismo, S.W. nunca aderiu formalmente a nenhuma igreja organizada. Chegou mesmo a pensar em pedir o batismo cristão, mas não o fez. Contudo, desde muito cedo percebeu que o bem buscado pelos homens em todas as épocas escapava sempre às tentativas de materialização ou institucionalização. O bem não pode ser assegurado pela força, pois a força sempre terá uma face má. Deste modo, criticava toda espécie de regime totalitário.

S.W. chega a colocar-se a pergunta se a “cristianização” do Império Romano foi realmente um bem. Segundo ela, quando o cristianismo deixou de ser a religião dos crucificados, dos perseguidos, dos excluídos e passou a ser a religião do poder, do Império, traiu sua própria originalidade, entrou na dinâmica da força, pôs uma coroa de ouro no lugar da de espinhos no Crucificado e esqueceu que a máxima expressão do amor de Deus por nós se encontrava justamente na cruz do Cristo obediente até a morte, no Deus que se doa totalmente e que por isso pode ser amado. O Cristo Senhor, rei poderoso, gloriosamente exaltado, ficou demasiado distante dos pobres crucificados da história. Cristo já não os representava mais.

É deveras interessante notar o quanto S.W. nos ajuda a tomarmos consciência da tendência do pensamento em afastar-se da cruz, da desgraça, do sofrimento. E quando nos afastamos do sofrimento, nossa atenção também não se fixa mais naquele que sofre e nos tornamos, assim, seres sem compaixão. No fundo, relacionamos compaixão com uma atitude própria de quem é fraco. Não queremos abdicar da força, pois sabemos que se o fizermos estaremos na contramão da dinâmica que rege a sociedade. O resultado será provavelmente a morte tal como aconteceu a Jesus de Nazaré. Portanto o preço que se paga pelo não uso da força é geralmente demasiado alto.

Na sua opinião, o cristianismo deveria dar testemunho da força que se manifesta na fraqueza. Quando destituídos de toda força é que experimentamos a total obediência a Deus. A experiência da vida de Jesus nos revela isso. Essa atitude do auto-esvaziamento de si está no coração da fé cristã. A experiência do auto-esvaziamento, própria do processo espiritual que atinge sua maturidade, forjada muitas vezes pelo sofrimento, é aquela que encontramos em não poucos relatos da vida dos grandes místicos, com múltiplas expressões.

S.W. nos adverte ainda com relação ao perigo da dissociação entre pensamento e práxis. Por um lado, o pensamento é a expressão concreta da liberdade. Pela reflexão dialética ascendemos à contemplação do bem transcendente, vale dizer, de Deus para além de toda necessidade na qual nos encontramos. Contudo, o pensamento deve estar sempre acompanhado da atenção à realidade, pois não há transcendência sem que haja realidades

que se transcendem. O pensamento que evita o Crucificado não contempla verdadeiramente o Ressuscitado.

O caminho do movimento ascendente ao bem, descrito por Platão no Mito da Caverna, tem seu paralelo no crescimento espiritual. Com efeito, a “passagem” do mundo sensível ao inteligível (da necessidade ao bem, que S.W. compara com a distância entre a criatura e o criador) não pressupõe somente o conhecimento teórico de que toda realidade mundana é transitória, perecível, mutável, contingente, exposta ao império da força, mas pressupõe ter feito a experiência concreta de que ela é realmente assim. Deste modo, tanto a dialética ascendente platônica quanto o crescimento espiritual do cristão nos conduzem ao que está para além da necessidade, além do contingente, ao mistério que pode ser apenas contemplado mas nunca totalmente conhecido porque é condição de todo conhecimento verdadeiro. Ambos os caminhos nos mostram que uma experiência de Deus (Sumo Bem) passa pelo fracasso da redução deste a tudo o que é objetivável, institucionalizável, ou seja, passa pelo fracasso do uso da força e aponta para uma atitude contemplativa que é inesgotável e nunca totalmente inteligível.

S.W. estaria de acordo em que a oração de um cristão que não se eleva a Deus a partir do seu comprometimento com o outro que sofre é totalmente carente de sentido, pois ignora o sofrimento do Cristo e, com isso, se esquece que somente o Cristo (crucificado) em nós pode verdadeiramente compadecer-se com o Cristo que também sofre no outro, ou seja, só aquele que experimentou o mais profundo abandono e sofrimento está em condições de perceber tal abandono e sofrimento do outro na sua profundidade radical. Para S.W., sem atenção (ver o outro tal como ele é) não há propriamente oração. Nesse sentido, a oração não visa pedir a Deus que nos livre da necessidade que nos oprime, mas que nos mergulhe nela para descobrirmos sua beleza que se esconde na fragilidade, na total obediência a Deus, enfim, que aprendamos a abdicar da força (sinônimo de esvaziarmo-nos de nós mesmos), pois só assim é possível amar verdadeiramente a Deus e ao próximo.

A graça age em nós quando há lugar para ela ou quando a própria graça abre esse lugar em nós pela experiência do esvaziamento, pela experiência da impotência. Os discípulos de Jesus fizeram a dura experiência de que o Reino anunciado por ele não se implantaria pela força, mas que o menor (o mais fraco) seria o maior nesse Reino. A inversão da dinâmica da força pelo convite à atenção para com a dignidade humana pela sua pobre e ao mesmo tempo bela condição não é um exercício fácil, nem tampouco um mero exercício de pensamento. S.W. tinha firme convicção de que a mensagem original do cristianismo vem ao encontro das inquietações mais profundas do ser humano.

S.W. refletia a realidade dos operários de fábrica a partir das tragédias gregas. Para ela, as tragédias gregas são como grandes profecias do cristi-

anismo. Ninguém escapa à força. Aquele que procura escapar dela morrerá sem prestígio, como retrata a “Antígona”. A “Ilíada”, de Homero, poema da força por excelência, tem a grandeza de retratar os miseráveis, os vencidos; fala da força que transforma quem quer que lhe seja submetido em uma coisa e, nesse sentido, encontra seu paralelo no servo sofredor de Isaías: “Eis o meu servo [...] Tão desfigurado estava que nem parecia humano” (cf. Is 52,13-15). O império da força torna o escravo tão miserável que nem sequer pode perceber sua própria miséria; e torna o que se acha possuidor da força impedido de exercer a atenção para com o outro que sofre, porque parar para pensar nessa situação é extremamente incômodo.

O amor e a mística da ausência

Amar é, pois, sinônimo de desarmar-se, depor as armas. Contudo, depor as armas é abdicar da força. E abdicar da força é ser considerado louco pelos demais e ser abandonado por eles. Daí se segue que o amor é incompreensível e doloroso e, por isso, poucos estão dispostos a amar. É certo que quando não amamos verdadeiramente não temos base nem credibilidade para falar do amor de Deus. No caso do cristianismo, há sempre o risco de transformarmos o seguimento de Jesus Cristo num seguimento de doutrinas e normas morais que, por sua vez, se convertem em ideais. O cristão não segue um ideal, nem um sistema de normas de conduta, mas antes de tudo segue uma pessoa. Esta é a grandeza e o escândalo do cristianismo.

O amor, para S.W., tem realmente um valor epistemológico, pois só ele é capaz de levar-nos a perceber a graça na desgraça, a experimentar Deus por trás da necessidade. Nesse sentido, o amor tem o caráter de um conhecimento do tipo mistagógico. O amor é aquela “força” poderosa que não desaparece quando o amado só se faz sentir por sua ausência, mas, ao contrário, nos faz desejá-lo ainda mais. O amor está estreitamente ligado à atenção que se volta para a realidade da vida em toda sua fragilidade e também em toda sua beleza. O amor acompanhado da atenção é a mais verdadeira e profunda oração¹⁰.

A experiência mística de Deus que moldou a vida de S.W. é do tipo “experiência da ausência”. Tal experiência passa pelo sofrimento que é o amar na ausência do amado, desejar o que não pode ser alcançado, ser impelido a buscar o que no fundo se ignora. O amor revela a graça em nós, é capaz de nos co-mover ante a total nudez do outro, diante do qual sentimos desaparecerem nossas próprias forças, abrindo-se assim para nós a possibilidade de amá-lo, de socorrê-lo. O amor não admite condição. O outro tem total

¹⁰ Cf. S. WEIL, *Escritos Esenciales*, p. 114.

prioridade para mim, como na parábola do bom samaritano (Lc 10,30-37). Não é sem mais que a própria família de S.W. não a compreendia. Suas atitudes (jejuns em solidariedade a famintos, trabalhar como operária em condições subumanas, desejar saltar de pára-quadras em pleno campo de batalha etc.) faziam com que parecesse ser uma pessoa “fora do juízo”.

O testemunho de vida desta mulher, concretizado na preocupação constante e atuação concreta junto aos operários, aos camponeses, enfim, junto aos simples e humildes do seu tempo, revela nela uma grandeza de espírito ímpar. Sabia discutir o materialismo dialético com políticos e doutores e, ao mesmo tempo, sabia apresentar com simplicidade e profundidade uma tragédia grega para os pobres e ainda trabalhar com eles nas mesmas condições. S.W. encontrou no livro de Jó como que uma pérola preciosa para a vida, a saber, que Deus não responde às perguntas de Jó pelo seu sofrimento, mas mostra-lhe a beleza da criação, sua total dependência de Deus, vale dizer, sua total obediência a Deus. S.W. também aprendeu e ensinou que amar verdadeiramente implica sempre um despojamento de si próprio, um tornar-se vulnerável diante do outro, enfim, o risco de ser rejeitado, desprezado, abandonado. Coincidentemente ou não, Simone morre num sanatório com 34 anos de idade, enferma de tuberculose, na completa solidão, distante de familiares e amigos. Como S.W. não pertenceu formalmente nem ao judaísmo, nem ao cristianismo, nem se insere numa corrente filosófica determinada, e suas concepções filosófico-religiosas são em vários pontos conflitantes tanto com o judaísmo quanto com o cristianismo, seu pensamento, apesar de todo seu comprometimento com as causas sociais, corre o risco de cair no esquecimento.

Ser místico não é simplesmente ter visões e sentimentos interiores profundos, mas é, sobretudo, aprender a ler a realidade à luz de Deus, comprometendo-se com a causa dos pobres, dos excluídos, dos oprimidos da sociedade; é ser movido pela certeza interior de que estes são os que justamente têm prioridade aos olhos de Deus pelo simples fato de não serem amados, acolhidos, promovidos pelos homens, ou seja, pelo fato de que os fracos não têm lugar numa sociedade regida pelo jogo de forças. Místico é, em síntese, aquele que entende ao seu modo e profundamente o que significam estas palavras de Jesus: “Bem-aventurados os pobres, os perseguidos por causa da justiça, os humildes [...] porque deles é o Reino dos Céus”.

Luiz Carlos Sureki SJ é bacharel em Filosofia e Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, MG.

Endereço: Caixa Postal 255
85802-970 Cascavel – PR
e-mail: luizcarlossureki@yahoo.com.br

